

**A AULA DE LITERATURA COMO UM MOMENTO RICO DE PRODUÇÃO  
DO SABER LINGUÍSTICO-ARTÍSTICO-CULTURAL: A PROPOSTA DO  
CORDEL<sup>1</sup>**

Helder Santos Rocha<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto, à luz de teóricos da educação literária como Abreu (1999; 2006) e Leahy-Dios (2001; 2004), pretende deixar claro, que a elaboração de práticas de ensino de literatura que desenvolvam a capacidade crítica e reflexiva do aluno, rumo à produção de um saber linguístico-artístico-cultural efetivo em sala de aula, são necessárias. Para isso, apresenta-se uma proposta de trabalho com o cordel que, tanto quanto o texto literário denominado “cânone”, merece respeito e espaço na sociedade, sobretudo no ambiente escolar, por expressar a riqueza cultural que o origina através da arte verbal, de um modo bastante peculiar e criativo.

**Palavras-chave:** Literatura; Metodologias estimuladoras; Cordel.

## INTRODUÇÃO

Pretende-se gerar, aqui, uma produtiva discussão acerca das inúmeras possibilidades que há de se trabalhar com o texto literário em sala de aula, sobretudo aquele que é considerado popular ou, em outras palavras, aquele que não recebe o mesmo valor de padrão estético das obras avaliadas pela crítica como cânones ou clássicas. Além disso, deve-se ressaltar que até a própria literatura dita clássica é por vezes desprezada na prática pedagógica, quando essa serve apenas de material linguístico para se introduzir um conteúdo gramatical no ensino de língua materna, abandonando, quiçá, infindas oportunidades de se discutir aspectos culturais e artísticos existentes na sociedade, como, também, presentes no contexto onde se origina tal leitura. Em um cenário como esse, torna-se tarefa primordial do professor empreender uma investigação acerca das peculiaridades do ambiente escolar em que atua, assim como das características sociais e culturais dos sujeitos que se encontram no mesmo. Segundo Campos e Silva (2010, p.68),

<sup>1</sup> Artigo orientado pelo Professor Derlan Lopes Vieira da Área de Metodologia e Prática de Ensino, lotado no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários-DELL da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB (*campus de Vitória da Conquista*). E-mail: derlanvieira@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduando em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB (*campus de Vitória da Conquista*). E-mail: heldersantosrocha@gmail.com.



Ao desenvolver atividades de leitura e de escrita, é papel da escola considerar o conhecimento prévio do aluno, uma vez que as atividades de leitura, se associadas à leitura de mundo, permite a ele encontrar novas possibilidades de operar com a realidade, tornando, assim, prazeroso e significativo o ato de ler.

Portanto, se este ponto de vista fosse considerado antes da elaboração metodológica, o processo de ensino-aprendizagem tenderia a obter sucesso, porque estaria promovendo a inserção de um conteúdo que é próximo à realidade do aluno. Neste viés é que este texto se lança, na tentativa de apresentar uma proposta alternativa de trabalho com a literatura, que seja criativa e emancipadora: o ensino da literatura de cordel, como produção de um saber linguístico-artístico-cultural, procurando aproveitar o máximo de informações e conhecimentos que se tornam possíveis de serem explorados quando se introduz este texto em sala de aula. Anterior a isso, apresentar-se-á, neste texto, uma pequena discussão envolvendo as práticas de ensino de literatura vigentes que, constantemente, aparecem como temas de trabalhos científicos de alguns teóricos da educação literária como Márcia Abreu (1999; 2006) e Cyana Leahy-Dios (2001; 2004), por exemplo, evidenciando como a educação e a postura de alguns professores têm contribuído para um empobrecimento desta área do saber nos ambientes escolares.

## **LITERATURA, CULTURA E SOCIEDADE**

A literatura sempre possuiu uma estreita relação com a cultura de um determinado contexto. Mesmo antes desta manifestação linguística se declarar livre dos preceitos clássicos da Retórica e da Poética aristotélicas, a sua ligação com a sociedade já existia, ainda que fosse somente mais uma reposição dos lugares-comuns das práticas letradas, às quais serviram, durante muito tempo, de suporte pedagógico para as comunidades que a cultivavam. Além do mais, “desde a sociedade greco-helênica-romana até o começo do abalo da proeminência das atividades literárias, nunca houve qualquer dúvida de que o campo literário fosse a base intelectual da cultura européia, ocidental e mundial.” (MELLO e CUNHA, 2008, p.4) Se ainda não refletia, de fato, um estreito laço entre a arte da palavra e o pensamento autônomo, as preceptivas da *tecné*, à luz de uma reflexão atual, demonstram certas características pontuais do contexto sociopolítico à que as produções letradas estavam submetidas até então. Para tal

exemplificação, pode-se notar que, em algumas letras do antigo regime Ibérico, por exemplo, haviam determinadas preceptivas autoritárias que eram implantadas pelos monarcas absolutistas aliados à igreja, em cuja situação só autorizavam a veiculação das letras encomiásticas ao Estado, a Deus e à soberania de tais poderes, assim como o foi na grande epopeia camoniana do século XVI, a saber – *Os Lusíadas*<sup>3</sup>. Deste modo, pode-se afirmar que o entrelace envolvendo a literatura, a cultura e a sociedade, constitui-se quando o ser humano reconhece o poder que a arte verbal tem e se apropria de tal para expressar a sua própria cultura. Domicio Proença Filho (2002, p.20) afirma que:

A literatura é tradicionalmente uma arte verbal. É uma modalidade de linguagem que tem a língua como suporte. As palavras, numa obra e arte literária, tornam-se multissignificativas e adquirem um valor específico no momento em que nela se integram e passam a fazer parte dos elementos que, interligados e interdependentes, constituem o todo ficcional.

Portanto, o texto literário é um meio artístico propício para a representação cultural da sociedade. Sua maior contribuição sociocultural reside em sua capacidade de expressar a diversidade de manifestações peculiares de um povo e de uma época, transmitindo e perpetuando a identidade dos indivíduos que estão inseridos nesta coletividade. Acerca disso, não se pode fazer uma leitura desatenta e despreocupada em relação aos traços associativos existentes entre literatura e cultura. Pois, “antes de mais nada, os estudos literários devem estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura de uma época.” (BAKHTIN, 2003, p.360) Ademais, é através de uma análise concisa desta relação, que se torna possível traçar aspectos característicos sobre uma determinada obra, um determinado autor ou uma determinada fase literária em comum.

## **O ENSINO DE LITERATURA EM DEBATE**

O texto literário possui a capacidade de transmitir traços característicos da cultura social, por que, então, não explorar este atributo nas aulas de literatura, estimulando o aluno à reflexão crítica da sua própria identidade cultural?

O ensino de literatura que visa a construção de um conhecimento produtivo não deve-se deixar levar por teorias positivistas que são bastante ineficazes na formação

---

<sup>3</sup> Cita-se este texto por considerar, esse, representativo do período mencionado, além de se adequar bem ao assunto.

crítica e consciente do alunado. Por isso, as aulas voltadas apenas para a história da literatura, em que a única prática seja demarcar obras e autores em recortes temporais estanques e longínquos, não irão proporcionar uma real e ampla dimensão de um texto literário ou da sua significação e representação social. Mais improdutivo, ainda, são aquelas atividades baseadas na aplicação de questionários repletos de perguntas e respostas, previamente direcionadas, sobre determinada obra literária, escola ou autor, similares aos conteúdos presentes em módulos de cursos pré-vestibulares, realizando, assim, um corte infeliz na enorme possibilidade de conhecimento da riqueza cultural e artística que possui a literatura. Tais aulas devem sim, por um outro lado, pautarem-se no intenso trabalho de prática de leitura literária, de modo que desenvolva no alunado, em primeiro lugar – o senso crítico e reflexivo acerca do funcionamento da língua que esse fala; para, posteriormente, tecer uma nova reflexão – investigando o modo como a arte verbal se apropria dos aspectos culturais e identitários da sociedade, que são representados neste tipo de linguagem. Segundo Mello e Cunha (2008, p.4),

(...) o trabalho com a literatura se faz por meio de metodologias que identifiquem o “horizonte de expectativa” dos alunos, para, a partir dele, ampliar os conhecimentos teóricos que subsidiarão uma compreensão mais aprofundada do fenômeno estético. Portanto, não se trata de abandonar o conhecimento e deixar que os alunos apenas leiam espontaneamente; é o professor que, conhecedor de sua clientela, deve dosar a quantidade e a qualidade do conteúdo de teoria da literatura, de história geral, de historiografia literária, de crítica, a ser trabalhado a partir das leituras literárias realizadas, a fim de que, gradativamente, o aluno afine sua sensibilidade estética.

Para aprofundar um pouco mais esta questão envolvendo o ensino de literatura é preciso, também, desconstruir uma prática de ensino hermenêutica, que transforma o texto literário num verdadeiro inquérito policial, preocupado somente em extrair respostas esclarecedoras e concretas, como se fossem verdadeiras provas de um crime que só existe, por parte dos sujeitos que empreendem este tipo de investigação. Neste viés, então, não se deve ler *Dom Casmurro*<sup>4</sup> de Machado de Assis, por exemplo, prestando atenção apenas em alguns detalhes indíciosos que possam comprovar um provável adultério cometido por Capitu. Isto seria minimizar componentes típicos da escrita machadiana como a ironia e a crítica social, que se tornam elementos até mais

<sup>4</sup> Texto escolhido para a exemplificação por se tratar de um clássico bastante conhecido e discutido em âmbito nacional e internacional.

relevantes para uma reflexão, tanto do enredo em si quanto da totalidade de sua obra, do que meras “possibilidades” de ações dos personagens. De outra forma, através de práticas inovadoras de leitura de literatura responsáveis por formar uma autonomia do educando, é que se torna viável implantar a dúvida e o questionamento como ações fundamentais para o alcance do conhecimento. A respeito disso, Leahy-Dios (2001, p.36) diz que “há que se encontrar formas qualitativas, construtivas e contínuas de avaliação da educação literária, do ensinar e aprender literatura. Sem receitas prontas, podemos e devemos construir outras formas de ler, de ver e de aprender.” Trata-se de transformar as aulas de literatura em uma verdadeira oficina de leitura crítica, para que, a partir do próprio texto, possam surgir indagações pertinentes e variadas possibilidades de abordagem analítica. Isso não exclui, de forma alguma, a relevância da História Literária. Somente lhe retira o status de única e maior perspectiva capaz de refletir e abordar este tipo de texto.

Por outro lado, trabalhar a literatura em sala de aula introduzindo-a num contexto social vivo e próximo do aluno é incentivá-lo à busca de suas raízes identitárias, visando ao encontro do indivíduo com o seu real espaço na sociedade da qual faz parte. Nesta incessante produção de sentidos que deve ser a leitura de um texto literário, diversos aspectos constitutivos e característicos da vida do aluno-leitor, como costumes, política e crenças religiosas, por exemplo, irão ser, constantemente, discutidos e repensados no jogo interpretativo do sujeito com a representação linguístico-literária das manifestações culturais que o representa. Nesta discussão recorre-se, novamente, a Leahy-Dios (2001, p.56), quando diz que:

Educar pela literatura implica refletir sobre a palavra como construção artística, com a consciência de que a definição da arte é outro complexo ideológico sobre o que significa ser belo, bom, certo, historicamente relevante e ético-esteticamente duradouro. Educar pela literatura implica entender que a arte literária se situa em determinado momento no tempo e no espaço, carreando questões sociais, culturais, políticas e econômicas inevitáveis e preciosas.

Com isso, o que cabe ao profissional responsável pelo ensino de literatura no processo promotor do encontro entre leitores iniciantes com a cultura social representada pela linguagem artística é, em primeiro lugar, despertar o interesse do aluno pelo resgate ou o reconhecimento de sua coletividade, identificando características culturais comuns que o torna membro da sociedade em que faz parte;

para, num estágio seguinte, orientar este aluno no sentido de que ele adquira, com tempo e leitura, sua própria capacidade de formular questionamentos acerca da identificação entre a sua individualidade e o texto em que venha a debruçar-se. Desta forma, o aluno-leitor inserido num processo de desenvolvimento da sua autonomia crítica, poderá ser guiado, cada vez menos, nesta infinda caminhada pelo universo da literatura.

Ainda com relação ao ensino de literatura e aos profissionais de educação envolvidos com esta área do saber, outros quatro fatores devem ser levados em consideração para que este ensino seja, de fato, um momento rico de produção do saber linguístico-artístico-cultural. São eles: um necessário domínio de conteúdo literário aliado a uma boa base de leitura de textos de literatura, por parte dos professores; uma necessária valorização da leitura e da interpretação de textos dos alunos, assim como a garantia dos seus direitos à voz e à expressão nas aulas de leitura; uma não sobreposição de atividades e conteúdos de outra ordem, utilizando-se da literatura para tal fim; e, finalmente, procurar evitar o apoio de livros didáticos e paradidáticos que minimizam a amplitude do universo literário ao comportarem textos fragmentados, que “(...) comprometem o entendimento e subvertem muitas vezes a intenção do autor.” (TEIXEIRA e ROTERS, 2008, p.4145)

Enfim, a discussão do ensino literário, assim como de outros conteúdos, não é uma tarefa fácil e de rápida solução. É necessário ter em mente que diversas posturas, tanto científicas quanto políticas, se envolvem na defesa e/ou no ataque de diversas práticas existentes, procurando encontrar a forma adequada de ensinar o sujeito a ler e, principalmente, a ler literatura. Não obstante, a leitura literária não deve ser enquadrada em uma forma fixa e dogmática de atividade escolar. Ela precisa, num momento inicial de formação do leitor, ser respeitada como uma simples e desprezenciosa prática de leitura pelo prazer, a chamada leitura de “fruição estética”; para que, num momento posterior, seja possível empreender uma análise consciente do que o texto quer dizer para aquele leitor em especial, e não, para que outros leitores insistam em apontar uma única leitura considerada a “correta”.

## **LITERATURA POPULAR EM SALA DE AULA: A PROPOSTA DO CORDEL**

Na tentativa de introduzir o texto literário em sala de aula, em que haja um reconhecimento do alunado com a obra, ou seja, visando uma aproximação entre a realidade do leitor e a leitura de identificação, sugere-se a literatura cordelista como uma fortuna

de possibilidades neste processo de reconhecimento do indivíduo, da sua língua e da sua cultura como um todo. Destaca-se, aqui, este tipo de texto, porque sua própria gênese demonstra a existência de uma forte relação entre linguagem e cultura.

Nascido na tradição oral, sendo identificado nos contos populares narrados por várias pessoas e repassados através da mesma prática, o cordel é uma das mais vivas manifestações que utilizam a linguagem, tanto para a representação da cultura regional como para, também, difundir outras culturas existentes na mesma sociedade, reforçando e perenizando a identidade cultural através de seu canto memorial que, mesmo que transcrito no papel, este texto não perde a sua oralidade, traço esse que lhe é muito peculiar. Segundo Paul Zumthor (1993, p.139), “a voz poética é, ao mesmo tempo, profecia e memória (...) A memória, por sua vez, é dupla: coletivamente, fonte de saber; para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la. Dessas duas maneiras, a voz poética é *memória*.” (grifo do autor)

Assim, o cordel não se apresenta, somente, enquanto meio propagandístico de uma cultura popular, em especial, mas oferece a oportunidade, também, a um público que não possui conhecimento de outras culturas e, que, em alguns casos, só consegue ter acesso à leitura através da oralidade, de obter o conhecimento da cultura letrada, sobretudo da escrita, por meio dos versos cordelistas quando esses são cantados ou narrados pelos poetas ou repentistas. Neste caso, os homens que contribuem para esta divulgação de outras culturas, buscam o aprendizado da leitura e da escrita para atuar como agentes mediadores entre o mundo da palavra escrita e o mundo da palavra oral, oferecendo acesso, para os analfabetos, ao conhecimento que só é veiculado e difundido pelos livros. (ABREU, 1999, p.186)

Mesmo com uma riqueza imensa de saber linguístico-artístico-cultural, que é relevante no contexto social onde se originam os versos, este tipo de literatura popular tem sido colocado à margem da sociedade e, principalmente, do ambiente escolar como destaca Abreu (2006, p.54), quando assevera que “o popular propicia, ainda hoje, algum encanto, mas a ele é reservado um lugar bem delimitado: o lugar do folclórico, do exótico, do primitivo. Nas aulas de literatura pouco ou nada se estuda sobre as composições populares.” No entanto, considera-se que, ainda assim, a literatura de cordel pode e deve ser explorada com criatividade nas aulas de literatura, objetivando analisar de que modo a arte da palavra oral transcrita no papel, transmite os traços peculiares daquele povo ou da sociedade onde este texto foi gerado. Além do mais, segundo Silva (2007, p.24), “a leitura de cordéis pode motivar o aluno a desenvolver o

senso crítico ao inter-relacionar o texto com o contexto, ou seja, com o tema proposto pelos folhetos lidos em sala de aula e a realidade de cada um”. Deste modo, não há motivo algum para que textos literários, como os cordéis, sejam colocados em uma posição inferior ou desprivilegiada nas metodologias e nos planos de cursos de literatura. Esta ação discriminatória configura-se como uma anulação indevida da linguagem artística em seu direito fundamental que é o da livre manifestação pública, sobretudo quando isso ocorre nos ambientes escolares, privando leitores iniciantes e jovens produtores do saber, de obter o conhecimento pleno da capacidade que o texto literário comporta, tanto da língua quanto da arte.

Enfim, esta distinção polêmica entre a literatura popular, ou marginal, contraposta à literatura considerada clássica, ou erudita, provém de um longo processo histórico de distribuição desigual dos bens culturais e artísticos na sociedade, tanto brasileira como mundial. Logo, tem-se o porquê de o acesso ao conhecimento e à utilização dos meios artísticos, até hoje, não terem alcançado uma total democracia. Por isso é que existem culturas, não fazendo referência a culturas de povos distintos, mas às estratificações culturais dentro de uma mesma sociedade. Tais distinções é que geram alguns moldes preconceituosos que classificam o que faria parte da cultura erudita em contraposição ao que se encaixaria dentro de uma cultura popular. Para a erudita, destina-se tudo o que é considerado uma cultura de alto padrão, enquanto que a cultura popular seria aquela despreocupada com o que é denominado, por uma parcela mínima e restrita da sociedade, como padrão. Num âmbito literário, o texto considerado erudito ou de alto valor estético estaria destinado a receber o aval dos intelectuais críticos, os grandes mestres detentores do alto nível da língua, como uma obra representativa da literatura; em consequência, os textos literários que são expressos, naturalmente, sem muita preocupação com a linguagem culta ou com a recepção de um mercado editorial ou com as críticas dos letrados, seriam classificados como populares. Para Abreu (2006, p.80), “na maior parte do tempo, o gosto estético erudito é utilizado para avaliar o conjunto das produções, decidindo, dessa forma, o que merece ser *Literatura* e o que deve ser apenas *popular, marginal, trivial, comercial.*” (grifo do autor) E quem, geralmente, acaba sendo encarregado de definir como verdade absoluta a definição do gosto estético padrão, são intelectuais que advêm das camadas privilegiadas da sociedade e, que, portanto, gozam de um certo prestígio social. (ABREU, 2006, p.41) É por este viés tendencioso que a literatura de cordel costuma ser taxada de literatura

popular ou marginal, rebaixando o seu valor estético frente à literatura que é classificada como erudita.

### **As diversas abordagens possíveis de se trabalhar com o cordel na sala de aula**

Agora, verificam-se algumas possíveis análises que se podem empreender com o texto cordelista nas aulas de literatura, a partir de uma metodologia não excludente e propulsora de um saber linguístico-artístico-cultural efetivo em sala de aula. Acerca das inúmeras e variadas possibilidades de trabalho com a literatura de cordel, destacam-se abordagens como: a discussão sobre o seu aspecto formal, quando se pretende analisar as composições rítmica, métrica e oratória dos versos, as quais possuem uma forte relação com as cantorias ou com o repente; a caracterização da ambiência onde acontecem as histórias narradas e, aqui, chama-se a atenção para o fato de que, embora grande parte da produção de cordéis se concentre nas regiões Norte e Nordeste do país, muitos textos cordelistas não tratam de temas ou narram histórias acontecidas, necessariamente, nestas regiões; a construção e a caracterização tanto psicológica quanto física de personagens típicos, sejam esses autênticos ou míticos; além de diversas possíveis interpretações em relação à intertextualidade encontrada em muitos textos cordelistas, que exibem tanto o grau de leitura do poeta, considerado “popular”, quanto o seu conhecimento de mundo. Aliás, sobre o nível de conhecimento de mundo e de leitura, ninguém melhor do que os poetas populares para serem estudados na escola, de maneira que promova, também, uma desmistificação acerca de um pequeno conhecimento que estas pessoas teriam, devido à falta de oportunidade de alguma educação formal. Vale lembrar para isso, o grande poeta Patativa do Assaré<sup>5</sup>, que confirma esta informação. Enfim, há toda uma gama de possibilidades de trabalho viáveis e criativas a depender, é claro, do ambiente escolar e do público leitor em questão.

### **Uma pequena amostra de abordagens possíveis do texto literário-cordelista**

Nesta seção, será apresentada uma proposta que explicita as diversas e variadas abordagens possíveis que se pode empreender em um texto cordelista. Para tanto, o cordel selecionado é *Peleja de Zé Guariba com Vicente Fortunato* de Dalmo Sérgio, publicado pela Editora Açucena de Jundiaí-SP, por apresentar, esse, diversas características peculiares da composição cordelista. Uma das características relevantes

---

<sup>5</sup> Poeta popular nordestino de grande relevância para a difusão da literatura de cordel.

deste texto é que o poeta narra uma pelega<sup>6</sup> entre repentistas, cuja tradição fez parte da constituição e do processo histórico de formação do cordel, que nasceu, justamente, de cantorias e disputas entre poetas populares como a deste enredo

Na caracterização de seu aspecto formal, a própria composição rítmica e métrica do cordel alude à maneira de uma disputa de cantorias, por estar formado como os próprios cantadores repentistas costumam se apresentar. Neste sentido, a forma funciona como uma espécie de sintaxe da poesia oral e influencia na leitura do próprio texto. Para Zumthor (1993, p.186), “por acrescentar o corpo à expressão, o ritmo poético necessariamente pressiona a linguagem. O efeito dessa coerção se manifesta no próprio ponto em que o artifício se articula sobre as estruturas da língua natural: na relação do “verso” com a sintaxe.” Ele está composto de **sextilhas** – estrofe de seis versos – com as rimas que se encontram sempre nos pares, ou seja, no segundo, no quarto e no sexto versos assim: ABCBDB. Mas, também, se forma de **Martelo Agalopado** (chamado também de alagoano ou miudinho) - que é composto por estrofes de dez versos – formando esta seqüência rítmica: ABBAADDEED. E há, ainda em sua composição formal, o **Quadrão** – formado por estrofes de oito versos, mas que pode ser de dez – em que suas rimas se dispõem deste modo: AAABBCCB.

<i>SEXTILHA</i>	<i>MARTELO</i>	<i>QUADRÃO</i>
V.F. – Guariba, vou apertar	Z.G. – Você me enfrentar	V.F. – Beco não é avenida
D’uma vez esta porfia	É causa perdida	Cerveja não é batida
Só para ver se você	Porém, se duvida	Latrina não é jazida
Conhece geografia	Eu vou lhe mostrar	Discurso não é canção
Cantando cidades que	Você vai girar	Bodoque não é canhão
Têm no estado da Bahia	Quicar feito bola	Prometer não é fazer
	Pular que nem mola	Decorar não é saber
	Me ver campeão	MARTELO NÃO É QUADRÃO
	E sem direção	
	Largar a viola	

Com isso, a leitura deste cordel mostra como a forma está intimamente ligada ao seu contexto de produção, assim como, também, ao enredo apresentado. O aspecto formal da obra literária possui uma grande relevância para algumas perspectivas interpretativas da Teoria da Literatura, a exemplo do que foi o Formalismo Russo<sup>7</sup>. Além do mais, vários e grandes poetas mundiais valorizam o aspecto formal do texto,

<sup>6</sup> Embate entre poetas populares ou cantadores repentistas em espaços públicos onde podem arrecadar dinheiro dos transeuntes, disputando quem rima melhor e quem consegue ficar mais tempo na cantoria.

<sup>7</sup> Escola estruturalista surgida no início do séc. XX na Rússia, em que a análise literária se concentrava no aspecto formal do texto.

procurando dar o tom do que pretendem enunciar, acelerando ou apenas rimando sílabas e palavras, com o uso de figuras de linguagem, que pode ser uma aliteração, por exemplo. Isto demonstra o quanto o cordel é capaz de seguir estilos literários considerados clássicos, obedecendo a uma regra própria de composição que está ligada à oratória, não deixando morrer a sua raiz cultural e artística.

No que tange à temática da obra, além da representação de uma peleja produzida pelo cordelista, há alguns elementos presentes no texto poético, que são relevantes na cultura nordestina, mais especificamente na baiana, como a apresentação de uma sequência de nomes de cidades do estado da Bahia e de pratos típicos da culinária local, além das suas benfeitorias para a saúde. Isto comprova o que se está propondo, neste texto, que é uma forma atraente de se trabalhar com a literatura em sala de aula, investigando e debatendo, a partir da leitura, a questão cultural e identitária dos indivíduos que a lêem.

Além disso, há nos versos, também, a presença de uma crítica social destinada à degradação do meio ambiente, acompanhada de um apelo a sua preservação. Neste elemento temático, por exemplo, o poeta demonstra que o cordel não trata apenas de assuntos locais, mas de fatos universais, tornando capaz para o aluno que não faz parte daquela cultura específica do seu ambiente, interagir com o texto a partir do seu conhecimento de mundo, cuja temática, aqui, se trata de um assunto amplamente discutido na atualidade nos meios de comunicação de massa. Esta interação real e necessária entre texto cordelista e contexto do aluno, defendida anteriormente por Silva (2007, p.24), deve acontecer, de fato, objetivando fazer com que a leitura deste texto produza sentidos. Eis uma estrofe de Martelo que o personagem Zé Guariba canta para elucidar esta questão:

Z.G. – Nos mais diversos lugares  
Nós vemos quadros sombrios  
Com poluição de rios  
Açudes, lagos e mares  
Atingindo patamares  
Díficeis de calcular  
Qualquer dia vai faltar  
Água até para beber  
NINGUÉM VAI SOBREVIVER  
QUANDO O PLANETA RESPIRAR

Assim, a peleja narrada continua sempre com um cantador desafiando o outro e convidando-o para a produção de uma nova rima ou de uma nova métrica. Deste modo, ao fazer uso de novas formas durante o repente num verdadeiro jogo de improvisar, os cantadores acabam exibindo, através da escrita literária do cordelista, todo o seu conhecimento de mundo e a sua memória para elaborar rimas corretas com nomes de pessoas, lugares conhecidos, comidas típicas, jargões comuns da linguagem coloquial e diversos outros saberes que só quem conhece a cultura popular, realmente, pode entrar em um desafio como este. Ou seja, elementos interessantes e ricos se encontram aos montes neste texto cordelista. Para isso é preciso fazer sentido na vida de seus leitores.

Enfim, este pequeno folheto de cordel acaba se apresentando como uma espécie de **metacordel**, a exemplo de vários outros textos deste tipo de literatura. Os cordéis que assim se apresentam, ensinam para o seu leitor o processo de produção de um texto como esse que, em forma de disputa entre cantadores, mostra o trabalho de composição e apresentação dos versos, que na criação poética, os repentistas estão cantando. A partir disso, pode-se afirmar que sobre as diversas possibilidades de leitura em sala de aula, deste cordel, foi visto que existem variados pontos relevantes que podem e devem ser notados e destacados por seus leitores como passíveis de uma rica reflexão acerca da literatura que se apresenta. No mais, vai depender da postura e da metodologia do professor em sala de aula, para poder introduzir este tipo de texto literário de maneira eficaz e produtiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em termos finais de apresentação, ainda que se considere o ensino de literatura de cordel uma proposta metodológica rica e eficiente para a abordagem da Língua Portuguesa e, também, da literatura, torna-se necessário registrar, aqui, que esse é um tema amplo e, que, por isso, merece uma discussão ainda mais aprofundada. Trabalhar com língua e cultura, é refletir sobre a capacidade humana de expressão e de produção de sentidos em uma sociedade que é regida e organizada pela linguagem. Portanto, o ensino de língua e literatura é, sim, uma temática necessitada de um maior relevo, tanto na comunidade acadêmica quanto nos espaços públicos da sociedade civil, que permitam uma reflexão acerca de um melhor entendimento sobre a faculdade da linguagem.

No contexto sociopolítico em que o Brasil se encontra atualmente, em que se fala em democracia, mas que a desigualdade social e cultural imperam como nunca, a

educação precisa cada vez mais ser a esperança de uma transformação radical na maneira de pensar das pessoas, instigando-as a refletir sobre o modelo de sociedade vigente que está preso a paradigmas arcaicos de conceitos preconcebidos sobre cultura, língua, artes e tudo o mais, que o pensamento aristocrático dominante, disfarçado de burguesia, costuma rotular. Afinal de contas, Paulo Freire (1996, p.47) já dizia que, “(...) *ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.*”(grifo do autor) Deste modo, falar em ensino de língua e de literatura, demanda muita pesquisa e constante reformulação das teorias que têm como seu objeto de ciência, o sujeito crítico, consciente e autônomo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p.11-58.

\_\_\_\_\_. “Quem não lê e não escreve, da vida pouco desfruta, porém...”. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **Estado de Leitura.** Campinas-SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leituras no Brasil) p.179-192.

BAKHTIN, Mikhail. Os estudos literários hoje. In: BEZERRA, P. (org.). **A Estética da Criação Verbal.** 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.359-366.

CAMPOS, Maria Pereira Prates; SILVA, Claudionor Alves da. Práticas sociais de leitura e escrita. In: Maria Iza Pinto de Amorim Leite et al (orgs.). **Docência:** gestão, ensino e pesquisa. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010. p.61-76.

FILHO, Domício Proença. Língua, Cultura e Literatura. In: \_\_\_\_\_. **Estilos de época na literatura.** 15.ed. São Paulo: Editora Ática, 2002. Cap. I. p.8-31.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p. (Coleção Leitura).

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.203-243.

\_\_\_\_\_. **Língua e literatura:** uma questão de educação. Cláudia Lage Flores Menezes. Campinas-SP: Papyrus, 2001.

MELLO, Cláudio; CUNHA, Antônio Henriques. **Literatura como prática social em contexto escolar**. no XI Congresso Internacional Abralic, em São Paulo. - Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2008: São Paulo, SP - Tessituras, Interações, Convergências / Sandra Nitrini... et al. - São Paulo:ABRALIC, 2008. e-book.

SÉRGIO, Dalmo. **Peleja de Zé Guariba com Vicente Fortunato**. 2.ed. Jundiaí-SP: Editora Açucena, ? 24p.

SILVA, Ivanda Maria Martins. A Literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor?. In: \_\_\_\_\_. **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p.83-102.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Literatura de Cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula**. João Pessoa-PB: 2007. 122 p. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

TEIXEIRA, Rosane de Fátima Batista; ROTERS, Geni Alberini. **Leitura Literária e Livro Didático: uma parceria possível?** no Congresso Nacional de Educação (8.: 2008 out. 6-9: Curitiba, PR) Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE [recurso eletrônico] : formação de professores : edição internacional; Anais do III Congresso Ibero-Americano Sobre Violências nas Escolas – CIAVE / organizadoras Dilmeire Sant'Anna Ramos Vosgerau, Romilda Teodora Ens, Vera Lúcia Casteleins. – Curitiba: Champagnat, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: A “literatura” medieval**. In: PINHEIRO, Amálio; FERREIRA, Jerusa Pires (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.